

DE UM PSEUDO-SAUSSURE AOS TEXTOS SAUSSURIANOS ORIGINAIS*

Recebido em 08/10/2008

Aceito em 21/12/2008

Por Simon Bouquet**

À memória de Rudolf Engler

Resumo: Neste artigo, discutimos inicialmente as razões pelas quais o Curso de Lingüística Geral, - CLG - publicado em 1916 e organizado por Charles Bally e Albert Sechehaye, a partir das anotações de alunos de Ferdinand de Saussure mesmo desfigurando bastante o pensamento saussuriano em pontos essenciais se constituiu numa obra que fundou a Lingüística e serviu de modelo de cientificidade para as demais Ciências Humanas. Num segundo momento, procuramos delinear em que pontos os escritos originais de Ferdinand de Saussure se diferenciam do Curso de Lingüística Geral - CLG.

Palavras-chave: Lingüística; Curso de Lingüística Geral; Escritos de Lingüística Geral.

Uma história editorial singular propiciou que o *Curso de Lingüística Geral*, publicado em 1916, impusesse sua marca fundadora à lingüística e às ciências humanas, ainda que essa obra póstuma, que pretendia reconstruir o conteúdo do pensamento de Saussure, desfigurasse-o em pontos essenciais.

No entanto, a partir de 1957, um segundo paradigma editorial formou-se, concorrendo, de fato, com aquele do *Curso*, pautando-se na verificação da 'letra' dos escritos saussurianos e das notas de seus estudantes. Mas esse segundo paradigma editorial, cuja recepção não ultrapassou um círculo de especialistas, não exerceu qualquer influência determinante sobre o destino da lingüística do século XX: para a maioria dos lingüistas, esses textos originais ficaram esquecidos pela ilusão obstinada de que o *Curso* refletia fielmente o pensamento de Saussure – na verdade, que Saussure poderia com todo direito ser considerado autor da obra.

* Nota do autor. "Eu agradeço Bénédicte Vauthier pela preciosa leitura deste artigo". Nota dos tradutores. Texto inédito em francês. Agradecemos verdadeiramente ao Professor Simon Bouquet por sua amável autorização para tradução e publicação deste artigo. Tradução Roberto Leiser Baronas (DL-PPGL-UFSCAR) & Vanice Maria de Oliveira Sargentini (DL-PPGL-UFSCAR).

** Université de Paris X - Nanterre – CNRS MoDyCo – Institut Ferdinand de Saussure.

Charles Bally e Albert Sechehaye possuem nesse caso uma dupla responsabilidade: a de ter produzido a obra mais marcante da lingüística no século XX – o que a princípio não deveria ser objeto de crítica – mas também a de ter impedido por um longo tempo o acesso a um pensamento original, infinitamente mais sutil e mais forte, por vezes apresentando-se em contradição com a sua “vulgata”. Ainda hoje, apesar de os manuscritos encontrados em 1996 virem renovar em profundidade o conhecimento das teses de Saussure, a confusão perdura em numerosos espíritos quanto às diferenças entre os textos originais e o *Curso de Lingüística Geral*.

Também não é demais lembrar o que, na história editorial saussuriana, teria alimentado conseqüentemente essa confusão. E, principalmente, importanos delinear sobre quais pontos principais os textos autênticos se diferenciam do *Curso*¹.

1. As sombras da história editorial saussuriana

1.1. O *Curso de Lingüística Geral*: um apócrifo

De início é preciso sublinhar que o prefácio do *Curso*, quaisquer que sejam as suas reservas, propôs-se a manter um equívoco persistente: Bally e Sechehaye, que reescreveram e reorganizaram integralmente o texto de 1916, apresentaram Saussure como “autor” e se apresentaram como “editores”². **Este abuso terminológico justifica**, a meu ver, a razão de manter o *Curso* como apócrifo. Entretanto, seu caráter apócrifo mantém em foco mais do que a apresentação dos “editores”, mantém os efeitos dessa apresentação: é essencialmente a recepção desse livro que o terá tornado apócrifo, uma vez que ele foi amplamente atribuído a Saussure (as numerosas ocorrências na literatura lingüística do século XX, e sob as melhores penas a escrita de frases como “no *Curso*, Saussure escreve que...”, são suficientes para atestar essa atribuição). Logo, o nome próprio de Ferdinand de Saussure, autor do *Curso* pode ser considerado como ilegítimo. Para lhe render justiça, conviria antes falar na ocorrência de um *Pseudo-Saussure* e de seus *pseudo-editores*.

¹ Nota do autor. Não pretendo aqui nem desvelar novas verdades em relação a essas diferenças, nem apresentar uma síntese objetiva – mas somente delinear uma síntese subjetiva, dez anos após meu texto *Introdução à leitura de Saussure*. Os comentários de R. Godel, R. Engler e T. De Mauro oferecem ricos ensinamentos para quem deseja aprofundar essa questão. Sugere-se consultar também os mais recentes trabalhos de R. Khyeng que pertencem a essa tradição de comentários teóricos baseados em um estudo teórico filológico rigoroso, incorporando os *Escritos de Lingüística Geral* em seu *corpus*.

² Nota do autor. “**Sentimos toda a responsabilidade que assumimos frente à crítica e frente ao próprio autor**” (p. 11 ; **grifos do autor**); “(...) todas as partes se apresentam em uma ordem que segue a intenção do autor (...)” (p. 9 ; **grifos do autor**).

1.2. Meillet, Regard e Riedlinger contra o *Curso*

Durante muito tempo ignorou-se – ou se quis ignorar – que três testemunhas privilegiadas da reflexão ou do ensinamento de Saussure opuseram-se já no primeiro momento do *Curso de Lingüística Geral*: o lingüista Antoine Meillet e dois estudantes das aulas de Genebra, Paul Regard e Albert Riedlinger.

Dentre os estudantes do curso genebrino, o lingüista geral Paul Regard ocupa um lugar especial: talvez o único lingüista que assistia ao curso – e que em Saussure inspirou sua tese de doutorado³, a qual foi verdadeiramente a primeira obra da lingüística sincrônica conduzida sobre os fundamentos epistemológicos saussurianos⁴. Regard é igualmente considerado um lingüista de valor por Meillet, pois, desde 1913, patrocina a eleição do jovem homem à Sociedade de Lingüística de Paris.

Nas semanas seguintes à morte de Saussure, Meillet elabora o projeto de uma edição dos cursos genebrinos baseado nas notas de Regard. É o primeiro esboço do paradigma de textos originais. A correspondência Bally-Meillet torna-se testemunho da forte oposição de Bally a esse projeto, ela testemunha igualmente uma crítica velada a Paul. F. Regard, o universitário genebrino:

Enfim, devo acrescentar uma informação confidencial, muito importante, e que ficará entre nós: soube de fonte segura, de uma pessoa que leu as notas do Senhor Regard, que essas notas, por mais conscienciosas que sejam, não refletem o espírito de ensino de S., e desfiguram completamente seus pontos de vista. Eu não posso confirmar essa informação, mas ela está de acordo com minha impressão sobre os métodos do Senhor Regard, preocupado em entender os detalhes em vez de todo um problema. (carta à Meillet, 29 mai 1913, *CFS* N° 43, 1989, p. 103).

Essa correspondência atesta, aliás, a submissão de Meillet à autoridade editorial de Bally, mas também do julgamento severo do lingüista parisiense, embora feito educadamente, sobre a perspectiva adotada por seu colega:

Como eu já o escrevi à esposa de Saussure, o projeto que eu tinha esboçado com o jovem Regard está abandonado; esse projeto esteve sempre sujeito a sua aprovação e a partir do momento que você tem outros pontos de vista, ele não deve entrar em questão (...).

³ Nota do autor. *Contribuição ao estudo das preposições na língua do Novo Testamento, defendida em Genebra e publicada em 1919.* (Paris, E. Leroux).

⁴ Nota do autor. “Senhor Ferdinand de Saussure, a quem fiz remissão, aprovou vivamente o tema escolhido, tendo ele mesmo dado as principais direções lingüísticas que fundamentam a pesquisa.” Carta de Regard a Bally em 16 de março de 1913.

É difícil apreciar o projeto do qual você me fala. Em princípio, eu tenho escrúpulos em relação a publicações póstumas, e é em grande parte por isso que eu indiquei a Regard o projeto que você bem sabe. Eu teria ainda mais escrúpulos contra a junção de cursos diversos. Mas você pode avaliar melhor que eu essas coisas (...). (carta à Bally, 31 de maio de 1913, *CFS* N° 43, 1989, p. 103-104)

Três anos mais tarde, quando da publicação do *Curso*, desta vez publicamente, é no Boletim da Sociedade de Lingüística de Paris, que Meillet assume sua posição crítica:

Senhor Bally, aluno de F. de Saussure e seu sucessor na Universidade de Genebra, e Senhor Secheyay, também aluno de F. de Saussure, tomaram a decisão audaciosa (...) de elaborar, por assim dizer, com as fórmulas e os exemplos de F. de Saussure, o livro que o mestre não fizera, e que ele sem dúvida não teria jamais feito. Isso que é oferecido ao público, é, pois, uma redação das idéias de F. de Saussure sobre a lingüística geral, a partir de seus dois principais alunos genebrinos, Senhores Bally e Secheyay. (...) Não há razão para aqui apresentar a crítica a pormenores de um livro que é apenas a adaptação de um ensino fugidio que se dá pela oralidade, e no qual não se pode dizer se os detalhes passivos de crítica vêm do autor ou dos seus editores. (*Crítica do Curso de Lingüística Geral*, *BSLP* XX, 1916)

O mesmo pode-se dizer de Regard, em 1919, no prefácio de sua tese:

Um aluno que tenha ouvido uma parte importante das lições de Ferdinand de Saussure sobre a Lingüística Geral, e tenha conhecido vários documentos sobre os quais repousa a publicação [*do Curso de Lingüística Geral*], inevitavelmente experimenta uma desilusão de não mais encontrar o charme requintado e envolvente das lições do mestre. Ainda que com a desvantagem de haver repetições, a publicação das notas do curso não teria conservado mais fielmente o pensamento de Ferdinand de Saussure, com toda a sua força e originalidade? E as mudanças que os editores parecem ter receio de expor, não teriam oferecido um interesse singular? (*Contribuição ao estudo das preposições na língua do Novo Testamento*), Paris, E. Leroux, 1919, p. 6)

Se Regard é o único ouvinte lingüista das lições de Lingüística Geral, e se, dentre seus contemporâneos, Meillet é provavelmente o lingüista de quem Saussure sente-se intelectualmente mais próximo – é a ele unicamente que Saussure confiaria sua pesquisa sobre os anagramas, – um terceiro protagonista digno de fé é ainda mais radical, mas ele terá precisado esperar os últimos anos do século XX para que seu testemunho fosse publicado. Trata-se de Albert Riedlinger, com o qual Bally e Secheyay, que não assistiram às lições, co-assinam o livro de 1916. Aqui está o que escreve Riedlinger ao também discípulo contemporâneo Léopold Gautier quando aquele

lhe propôs, em 1957, celebrar a memória de seu professor em um artigo na *A Tribuna de Genebra*:

Lamento, mas eu não me vejo escrevendo um artigo sobre F. de S. à Tribuna (...) Ser-me-ia impossível dar uma idéia da verdadeira grandeza de F. de S. sem compará-lo à Bally e, conseqüentemente, rebaixar esse último. Eu me explico: Bally deixou marcas profundas na *Lingüística Geral*, isso é o que o trabalho de Godel, em andamento, demonstrará sem margens para discussão. Eu cito de memória dois pontos: o caso do *ai ja* (capítulo das implosivas – explosivas) que suscitou polêmicas e que, se eu não tivesse encontrado exemplos para ilustrá-lo, Bally teria simplesmente suprimido esse item (eu mantenho à disposição a correspondência sobre isso)

Mais grave ainda é a supressão completa da magnífica introdução de 100 páginas do segundo curso, que Godel, por carta, pediu-me a permissão de publicar *in extenso* depois de minhas notas. O senhor se lembra, sem dúvida, que Bally tinha decidido que o capítulo sobre unidades e identidades não era claro, e o senhor tinha concordado com isso. Godel vê nessa introdução a essência do pensamento saussuriano. Mas Bally, talentoso para a observação dos fatos lingüísticos, não tinha nem a sensibilidade filosófica, nem a envergadura de seu mestre. (...) (A. Riedlinger, carta a L. Gautier, 10 novembro de 1957, *CFS* N° 51, 1998, p. 196)

A razão pela qual a oposição de Meillet, Regard e Riedlinger ter passado despercebida durante quase um século não deixa dúvidas: os estudos saussurianos foram submetidos a uma pressão acadêmica, principalmente em Genebra, tornando Bally e Sechehayé quase intocáveis.

1.3. O “retorno às fontes” e seus paradoxos

A publicação de Robert Godel das *Fontes manuscritas do Curso de Lingüística Geral* em 1957, seguida da edição crítica do *Curso de Lingüística Geral* feita por Rudolf Engler em 1968 e 1974, inicia o paradigma editorial dos textos originais. Essas publicações e sua recepção resultaram, entretanto, na conseqüência paradoxal de reforçar o paradigma do *Curso*.

Em *Fontes manuscritas*, Godel define claramente os dois paradigmas editoriais, estabelecendo uma distinção entre edição crítica do *Curso* e a edição dos manuscritos: “Foi natural apresentar os resultados das [minhas] pesquisas sob a forma de uma edição crítica do *Curso de Lingüística Geral*, ou na introdução à edição dos manuscritos. As circunstâncias pessoais impuseram-me um procedimento diferente. (p.10)”. Olhando a edição crítica do *Curso* – na qual ele obtém um breve exemplo e ao qual Engler dará, onze anos mais tarde, uma forma brilhante – ele analisa em que medida a crítica, dada a sua necessidade, por si só não seria suficiente:

(...) uma edição crítica do Curso é praticamente inseparável da publicação dos principais manuscritos: o leitor do aparato crítico encontraria apenas fragmentos separados de seu contexto original e não teria meios de julgar em que medida o novo arranjo (aquele do *Curso*) reflete exatamente um pensamento cujo tratamento em algum momento foi corrigido (p. 102).

Além disso, Godel define curiosamente sua obra de 1957 como uma “exegese” do *Curso*, e conclui seu prefácio com uma espécie de declaração de fidelidade ao primeiro paradigma:

Espera-se, assim, que os capítulos que seguem forneçam aos leitores do *Curso de Lingüística Geral* uma “chave”, permitindo nesse momento uma exegese mais segura e, se necessária, uma prova da consciência e da inteligência que os dois discípulos tinham blindado a serviço do pensamento de seu mestre (p. 11).

Na verdade, o trabalho de Godel, nesta época, fica marcado pelo peso acadêmico da ‘vulgata’ e de seus autores. O título de seu livro em si é completamente ambíguo: enquanto a obra identifica os textos saussurianos originais, dos quais alguns eram ignorados por Bally e Sechehaye, Godel priva esses textos de valor e de identidade próprias ao dar-lhes o estatuto de ‘fontes do *Curso de Lingüística Geral*’. É também significativo que Godel nomeie ‘notas’ todos os escritos de próprio punho de Saussure⁵, equiparando, de fato, esses últimos às ‘fontes do *Curso*’. Além disso, suas interpretações da lingüística saussuriana, seguida da revisão dos manuscritos, contribuem para apagar as diferenças cruciais entre os manuscritos originais e os textos de 1916, especialmente sobre as questões da semiologia e da lingüística da fala. Em suma, em 1957, Godel defende amplamente, provavelmente de boa fé, a posição de Bally e Sechehaye e a herança acadêmica deixada por eles.

Um quarto de século mais tarde – talvez porque com o tempo a pressão institucional se fez menos constrangedora para ele, e também porque sua consciência dos textos saussurianos modificou-se – a posição de Godel para com os pseudo-editores do *Curso* aparece consideravelmente mais crítica que em 1957. Seu artigo de 1982, intitulado “Retractatio” testemunha isso notadamente, quando o autor das *Fontes manuscritas* reconhece particularmente ter subestimado a importância da semiologia e da lingüística da fala, e conclui prudentemente:

(...) a lingüística saussuriana presta-se ainda a explorações e a novos desenvolvimentos, sem jamais encerrar-se nesta “forma definitiva” que Bally e Sechehaye esperavam lhe dar. (...) [Essa lingüística mantém

⁵ Nota do autor. Encontra-se nesses escritos, por exemplo, a coletânea dos aforismos. Fala-se das ‘notas’ de Heráclito?

particularmente] as variações que os editores do *Curso* dedicaram-se a atenuar (CFS N° 35).⁶

Nesse intervalo de tempo, o trabalho monumental de Engler (1968-1974) foi publicado. Ele leva a termo somente uma parte do projeto definido em *Fontes manuscritas*: a edição crítica do *Curso*. Assim como Godel o tinha anunciado, essa edição se apresenta organizada segundo o plano e o texto de Bally e Sechehaye, “fragmentos ausentes de seu contexto original”. Ela não permite uma leitura das lições genebrinas na sua continuidade cronológica e uma apreensão do desenvolvimento do pensamento do professor quer seja à escala de uma lição, de um ano de aulas ou, por conseqüência, de três encontros anuais consecutivos – e ela enfatiza, desse modo, o *Curso* em seu papel de única síntese disponível. Quanto aos textos escritos por Saussure, considerados na ótica da exegese do *Curso*, eles estão igualmente “ausentes do seu contexto”, fragmentados e dispersos entre os dois tomos da edição crítica. Também essa edição é essencialmente dependente do primeiro paradigma editorial⁷. O mesmo ocorre com o importante comentário de Tullio De Mauro, que vem enriquecer em 1972 as reedições do *Curso* junto a Payot: ele fica vinculado ao texto de Bally e Sechehaye e condicionado pela ordem lógica desse último. Em resumo, a recepção dos trabalhos de Godel, muito freqüentemente limitada às *Fontes manuscritas* de 1957 e não ciente da importante reparação de “Retractatio”; assim como a forma e o uso exegético da edição crítica de Engler ou dos comentários de De Mauro, têm contribuído – apesar de esses serem trabalhos pioneiros para o paradigma de textos originais - para reforçar o paradigma do *Curso*⁸.

Para cumprir a segunda parte do projeto delineado por Godel – e o projeto defendido por Meillet – que Engler apoiará, em 1998, a criação do Instituto Ferdinand de Saussure e participará do início do programa “Arquivos Ferdinand de Saussure”. Ele reconhecerá, além disso, que o paradigma dos textos originais era obscuro quando ele escrevera em 2002. “Eu proclamo o ‘novo paradigma’ editorial da apresentação dos textos saussurianos na ordem cronológica”⁹.

⁶ Nota do autor. Tullio De Mauro confirma-me que, em particular, Godel mostrava-se, naquela época, razoavelmente mais severo ao olhar de Bally e Sechehaye (comunicação pessoal, junho de 2007).

⁷ Nota do autor. Essa edição contribui também para o segundo paradigma, ainda que indiretamente, mas de maneira inestimável, na medida em que sua apresentação sinótica propicia uma comparação entre os diferentes cadernos de estudantes do curso genebrino.

⁸ Nota do autor. André Pétroff, em *La langue, l'ordre et le désordre* (Paris, L'Harmattan, 2004), analisa com acuidade as diversas modalidades do uso “CLGiste” da edição de Engler.

⁹ Nota do autor. *Saussure*, Paris, Cahiers de l'Herne, 2002 (grifos do autor)

2. O que os textos originais questionam do *Curso de Lingüística Geral*

Em uma tentativa de definir sobre que pontos teóricos essenciais - olhando o objeto e os conceitos originais da epistemologia saussuriana – o *Curso de Lingüística Geral* se diferencia dos textos autênticos, eu limitar-me-ei a uma evocação necessariamente um pouco lacônica devido à restrição de espaço.¹⁰

2.1. A dupla essência da lingüística

A divergência mais acentuada entre o *Curso* e os textos originais concerne ao próprio fundamento da epistemologia saussuriana: o objeto da lingüística. De fato, a famosa frase final do *Curso* “a lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma”, não corresponde a nenhum enunciado de Saussure, nem em suas aulas, nem em seus escritos¹¹. Os textos originais – cuja escrita abarca mais de duas décadas – confirmam que, sobre esse ponto, a posição do lingüista genebrino não variou e que ele é diametralmente oposto ao ponto de vista que seus editores tinham feito prevalecer. Saussure afirma, de fato, que a lingüística na qual ele concebe o programa é, em si mesma, de dupla essência: lingüística da língua e lingüística da fala (ou do discurso)¹². Sua última escrita sobre lingüística geral, em 1912, enuncia essa dualidade:

¹⁰ Nota do autor. Deixarei de lado a análise do que constitui um segundo plano dessa diferença: o fato que Bally e Sechehaye apagam sistematicamente o triplo ponto de vista que sustenta a reflexão de Saussure - uma epistemologia da gramática comparada; uma filosofia da linguagem; uma epistemologia programática da lingüística. Sobre a epistemologia saussuriana da gramática comparada, ver minha *Introdução à Leitura de Saussure*, Paris, Payot, 1997 (doravante *ILS*), II P., capítulo 1 et 2. Sobre a supressão ou a deformação sistemática da filosofia saussuriana da linguagem, ver *ILS*, III P., capítulo 1 – e a este respeito, os novos manuscritos confirmam com clareza a elaboração de uma “ontologia negativa”; ver em especial as seções seguintes de *ELG*: 3g; 6c(Vlc) ; 10(IX) ; 12(XI); 20a (XVI); 20b (XVI); 22b (VIII); 23(XIX); 24; 25(XXI); 26; 27; 28(XXIV), no qual F. Rastier oferece uma antologia sobre *Negatividade e ontologia* em *De l'essence double du langage de F. de Saussure*, in: “Saussure, la pensée indienne et la critique de l'ontologie”, artigo *on line*, www.revue-texto.net).

¹¹ Nota do autor. Se as deformações do pensamento saussuriano feitas por Bally e Sechehaye podem ser consideradas como realizadas de boa fé e por simples equívoco de compreensão, alguns índices, entretanto, deixam transparecer, em relação à questão da dualidade da lingüística, uma verdadeira malversação. Assim, quando Bally escreve, em 1936: “Um só método parece razoável, aquele que F. de Saussure resumiu na última parte de *Curso de Lingüística Geral*: ‘A lingüística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada nela mesma e por ela mesma’” (*Lingüística geral e lingüística francesa*, Berne, A. Francke, [1936]1944, p. 17), essa ‘citação’ atribui curiosamente à Saussure uma tese que ninguém melhor que Bally conhecia o caráter apócrifo.

¹² Nota do autor. Além disso, Saussure volta freqüentemente à idéia de que a fala é uma condição prévia à língua. Ver particularmente as citações dadas por Jean-Paul Bronckart em seu artigo “A linguagem no centro do funcionamento humano...”

A lingüística, eu ousar dizer, é vasta. Particularmente, ela comporta duas partes: uma que é mais próxima da *língua*, depósito passivo, outra que é mais próxima da *fala*, força ativa e verdadeira origem dos fenômenos que se percebem em seguida, pouco a pouco, na outra metade da linguagem (ELG p. 273).

O manuscrito *De l'essence double du langage* estabelece, pela evocação de domínios tradicionais, isso que compreende essa lingüística dual, mas ele postula, sobretudo, a *inseparabilidade* dessa equação que o *Curso* não teria jamais deixado imaginar:

Semiologia = morfologia, gramática, sintaxe, sinonímia, retórica, estilística, lexicologia, etc., *o todo sendo inseparável* (ELG p. 45).

Nas suas aulas de Lingüística Geral, Saussure desenvolveu principalmente a questão da ciência da língua, mas não sem mencionar a dualidade da lingüística. “Aqui, pela primeira vez, a questão de duas lingüísticas », escreve Saussure em suas notas preparatórias para o segundo curso (ELG p. 299). Quanto ao terceiro curso, aquele que serviu de base para Bally e Sechehaye, ele traçou o plano no qual teve tempo apenas de tratar as duas primeiras partes: « 1º As línguas. 2º A língua. 3º Faculdade e exercício da linguagem dos indivíduos » (CLG/E, 122-123) – nesse plano, a terceira parte marca o lugar da « segunda lingüística » .

Bally e Sechehaye alteraram uma aula oral do terceiro curso para deixá-la de acordo com a sua tese. Lá onde o professor declara: “Nós podemos distinguir lingüística da língua e lingüística da fala (1.58.367.2&5 III *Dég Ctn*) [*variante* : É preciso ter uma lingüística da língua e uma lingüística da fala (1.58.367.3 III *Sech*)] », o *Curso* modaliza esse enunciado empregando um “a rigor” sem fundamento - « Podemos a rigor conservar o nome Lingüística a essas duas disciplinas » (p. 38) – e adapta-o de um acréscimo apócrifo: A língua é o único objeto da lingüística propriamente dita”. Além disso, eles suprimiram quase sistematicamente, ao longo de toda obra, a palavra *discurso*, em sua acepção sinônima de *fala*, bem como numerosas aulas, que tratavam do discurso¹³.

2.2. A Natureza do signo¹⁴

A teoria saussuriana do signo dual abala a concepção triádica – “referencial” – da ontologia semiótica ocidental, ao marcar a fundação de uma lingüística de valores. No entanto, segundo Saussure, a natureza do signo linguístico resiste em se impregnar de qualquer dualidade terminológica que seja. Assim, durante

¹³ Nota do autor. Ver meu artigo “Saussure’s Unfinished Semantics”, *The Cambridge Companion to Saussure*, Cambridge, C.U.P., 2004.

¹⁴ Nota do autor. Ver *ILS*, p. 279-283

as últimas lições de seu curso de 1910 – 1911, ele introduz a dualidade *significante/significado* para substituir a designação intuitiva *signo/sentido* que comumente utilizara até então, ele esclarece que não se trata apenas de um artefato terminológico destinado a readequar uma acepção “integral” da palavra *signo*.

Anteriormente usávamos simplesmente a palavra *signo*, o que causava confusão. Porém, esses termos [significante e significado] são ainda equívocos. Nós não conseguimos a palavra que nos falta e que designaria sem ambiguidade seu conjunto. Não importa qual termo escolhido (*signo*, termo, palavra, etc.) ele não encaixará e correrá o risco de designar apenas uma parte. E é até muito provável que o termo não possua alguma parte. (CLG/E, 1.151.1119 III *Dég Sech Ctn*).

Essa necessidade de não pensar as duas “faces” do signo separadamente retoma uma *desontologização*, esta vez não mais só por supressão do “referente”, mas por supressão dos objetos conceituais em si designados por *significante* e *significado*.

In fine, o significado não é um valor do significante nem o significante um valor do significado – ainda assim, em suas lições, o professor faria uso por vezes a esta apresentação pela simplificação: *o signo bifacial é um valor em si*. Ao ocultar esse caráter do signo, colocado por Saussure como *inexprimível*, o *Curso* deixou abertas as portas a todas as confusões e a todas as aporias – entre tantas, aquelas ligadas ao fato de que o arbitrário sistemático do signo contradiz seu arbitrário interno¹⁵.

Essa inseparabilidade das “faces do signo” – limitada pela “vulgata” na imagem da folha de papel – é longa e sutilmente desenvolvida nos *Escritos de Lingüística Geral*, bem especificamente em *De l'essence Double*. Ela funda e ilustra o caráter integrante de todas as dualidades saussurianas¹⁶.

2.3. O arbitrário do signo¹⁷

O “arbitrário do signo” está extremamente mal colocado pelas 16 passagens do *Curso* que o tematizam. Nem uma única dessas passagens deixa de trair a formulação original de Saussure.

¹⁵ Nota do autor. Assim, quando Benveniste, acreditando corrigir o pensamento de Saussure, contesta a qualificação de “arbitrário” para substituí-la por “necessário”, ele se confunde por conta da apresentação simplificada dos pseudo-editores do *Curso*, e, pela omissão destes a respeito da retificação feita por Saussure sobre isso. (Ver meu artigo “Benveniste et la représentation du sens: de l'arbitraire du signe à l'objet extra-linguistique”, www.revue-texto.net). Nota dos tradutores. A tradução brasileira do artigo “Benveniste e a representação do sentido: do arbitrário do signo ao objeto extra-lingüístico” está publicada na Revista Linguasagem - www.lettras.ufscar.br/linguasagem)

¹⁶ Nota do autor. Sobre este caráter integrante, ver Jacques Coursil, “Les dualités intégrées. Le maître-argument saussurien”.

¹⁷ Ver *ILS*, p. 283-285

Em nove delas a menção da questão do arbitrário está fundada sobre um ou vários enunciados das lições. Nestes nove casos, os pretensos editores não estavam atentos à ambiguidade da palavra *signo* – pela qual Saussure evoca tanto a entidade bifacial quanto a face única significante – e, assim, não são coerentes com a escolha terminológica (*signo*, *significante*, *significado*) que eles reivindicam e aplicam em toda parte: de fato, nestes 9 casos, eles mantêm o termo *signo* remetendo-se à entidade global no contexto do livro, enquanto que nas anotações dos estudantes (que acompanharam as aulas de Saussure), a ocorrência deste termo, anterior à introdução da designação tripla *signo/significante/significado*, denota claramente somente o significante. Por conta deste fato, o texto de 1916 dá a impressão de que, ao falar do *arbitrário do signo*, Saussure está considerando uma entidade lingüística global enquanto que, contrariamente nos enunciados, percorrendo todas as passagens, só se mencionava o *arbitrário do significante* (ou *arbitrário interno do signo*).

Quanto às 7 outras passagens do *Curso* que tematizam o arbitrário do signo, estas foram literalmente criadas nos detalhes por Bally e Sechehaye e nenhuma sentença correspondente aparece nos textos fonte. Nessas 7 passagens, o conceito de “arbitrário do signo” – *vis-à-vis* do significado – aparece, no contexto, como uma criação de Bally e Sechehaye e assim, sempre no contexto, como um conceito significativamente opaco.

Ora, isso revela que o conceito de “arbitrário” referente a uma propriedade global e racional do signo (o arbitrário sistemático do signo) é certamente um conceito saussuriano e que não há nada de opaco nele. Mas, estranhamente, a única passagem dos cadernos dos estudantes mencionando explicitamente o arbitrário sistemático foi ignorada pelos redatores do *Curso*! A ironia do destino não para aí: esta passagem está inexplicavelmente ausente das edições críticas de Engler de 1968 e 1974 – nas quais existe apenas um adendo sobre o número do índice vazio (3350), designando uma futura edição complementar cujo projeto nunca se realizou. Temos aqui esta passagem de Constantin (aula do dia 12 de maio de 1911):

Mas eu não quis somente indicar a oposição dos elementos arbitrários ou relativamente arbitrários como um fenômeno fácil de surpreender. Nós não aprofundamos tanto quanto necessário o fenômeno em si. Ele confronta duas relações que eu não separei. [Eu falei] até aqui sem opô-las. Temos por um lado a relação de que tratamos: [*croquis*: relação da imagem acústica com o conceito (= *arbitrário interno do signo*, SB)] e, por outro lado, a relação: [*croquis*: relação de signo com signo (= *arbitrário sistemático do signo*, SB)]¹⁸.

Estas peripécias editoriais – que nos esclarecem sobre a má-compreensão dos “editores” – não teriam sido suficientes para barrar a recepção

¹⁸ Nota do autor. III° Cours, folios 306 et 307 du cahier Constantin

da concepção saussuriana do arbitrário sistemático, do qual a teoria do valor dá conta *de fato*. Todavia, como vamos ver, a própria teoria do valor não está menos gravemente deformada no *Curso*.

2.4. O valor¹⁹

A deformação do conceito de “valor” no *Curso* se deve, antes de tudo, ao fato de que no capítulo IV da II parte, cujo título anuncia genericamente *O valor lingüístico*, não trata senão do valor *in absentia*. Ora, nos textos originais, o termo *valor* designa precisamente uma pluralidade de fatos interdependentes: 1. *valor in absentia interno* (procedente do arbitrário interno do signo); 2. *valor in absentia sistemático* (procedente do arbitrário sistemático do signo); 3. *valor in praesentia* (procedente da sintagmatização do signo). Ignorando pura e simplesmente este terceiro aspecto do valor, o capítulo IV não dá definição global do conceito de “valor”, enquanto que as anotações dos estudantes atestam parte da sua complexidade numa caracterização muito clara:

O valor de uma palavra não se dá senão com relação às outras unidades semelhantes. A relação e a diferença das palavras entre si se desenvolvem seguindo duas ordens, em duas esferas completamente distintas: cada uma destas esferas será geradora duma certa ordem de valor e mesmo a oposição que há entre as duas esferas torna mais clara cada uma delas. Trata-se de duas esferas ou duas maneiras de coordenar as palavras, umas com as outras (...):

1. a coordenação sintagmática e a esfera das relações sintagmáticas (...) [*i.e.* as relações *in praesentia*];
2. a coordenação associativa (...) [*i.e.* as relações *in absentia*].
(1.257/276/279/292/281.1851/1981/1990/2060/1999.5 III Ctn)

Além disso, no capítulo IV – assim como no capítulo seguinte, *Relações sintagmáticas e relações associativas* – a confusão produzida pelo *Curso* entre valor *in absentia* e valor *in praesentia* é reforçada por dois fatos deploráveis: (1) Bally e Sechehaye criam cada parte dos enunciados que integram sem nuance a sintaxe a um objeto de fala, enunciados que não existem sob nenhuma forma nas aulas e nos escritos de Saussure; (2) eles suprimem conjuntamente os enunciados das aulas que, precisamente, colocam em dúvida esta assimilação.

2.5. A sintaxe²⁰

As duas penúltimas aulas do terceiro curso – dos dias 27 e 30 de junho de 1911 – tratam do valor *in praesentia*. Contrariamente ao que *Curso*

¹⁹ Nota do autor. Ver *ILS* p. 311-334

²⁰ Nota do autor. Ver *ILS* p. 334-345

preconizará, Saussure reconhece que uma questão a esse respeito permanece em aberto: como a sintagmatização que ocorre na linearidade da fala pode ser considerada como um fato da língua?

(...) não estamos confundindo as duas esferas *língua-fala* para distinguir as duas esferas *sintagma-associação*? É onde existe de fato algo de delicado na fronteira dos dois domínios. Questão difícil de separar. (1.283-284/2020/2013 III Dég Ctn)

Aqui uma objeção se sobressai naturalmente: a segunda ordem das relações [as relações sintagmáticas] parece evocar fatos de fala e nós cuidamos de fatos da língua.

Mas nós respondemos: até certo nível, a própria língua conhece suas relações.

(1.283-284/2009/2011 III Dég Ctn)

Bally e Sechehaye disponibilizarão uma representação bastante deformada das aulas: atulhando o texto com passagens que eles mesmos criaram sobre o valor *in praesentia*. Eles tomam a decisão de elucidar o problema deixado em aberto por Saussure. Acrescendo a isso, ignoram uma aula anterior (de 28 de abril de 1911) na qual Saussure havia evocado verdadeiramente essa questão delicada no capítulo mais geral da “separação da língua e da linguagem”:

(...) podemos separar os fatos da fala e os da língua a tal ponto? (...) O uso individual do código da língua levanta uma questão. Não é apenas na sintaxe em suma que se apresentará certa flutuação entre o que é dado, fixado pela língua e o que é deixado à iniciativa individual. A delimitação é difícil de ser feita. É preciso admitir que aqui, no domínio da sintaxe, fato individual e social, execução e associação fixa, se misturam um pouco, chegam a se confundir mais ou menos. Nós admitimos que somente nesta fronteira poder-se-á achar algo a dizer sobre uma separação entre língua e fala.

(1.285-286.2022 III Dég Sech Jos Ctn ; grifo do autor)²¹

Ora, contrariamente à apresentação confusa do *Curso*, as aulas do terceiro curso permitem subentender que a lingüística da língua inclui a sintaxe: “Um dicionário e uma gramática são a imagem admissível da língua, um depósito de imagens acústicas” (1.44.269 III Dég); e Saussure esclarece que, a partir daquele momento, o ponto de vista sincrônico seria rigorosamente adotado pela lingüística da língua, “retornaremos à gramática tradicional depois de termos passado um bom período fazendo história” (1.184.1370-1371 III Dég Sech Jos

²¹ Nota do autor. Esta passagem inclusive conhecerá um destino fatal: excluída do *Curso*, ela teve retirada sua última frase na citação que Godel fez em suas *Fontes manuscritas*. Esta frase também não aparece em *Léxico da terminologia saussuriana* de Engler.

Ctn)²². Ainda outra razão teórica essencial, camuflada pelo *Curso*, legitima a inclusão da sintaxe na lingüística da língua: a geometria sintática é um fato semiótico assim como a álgebra do morfema. Isto é o que confirma claramente o manuscrito *De l'essence Double*:

Toda espécie de signo existente na linguagem (primeiro o signo VOCAL de toda ordem, signo completo tal como uma palavra, ou um pronome, signo complementar como um sufixo ou uma raiz, signo desnudado de qualquer significação completa ou complementar como um “som” determinado de uma língua; ou *signo não vocal como “o fato de locar tal signo diante de um outro tal”*) tem, conseqüentemente, um valor puramente não positivo, mas ao contrário, essencialmente, eternamente NEGATIVO. (grifo do autor).

3. Conclusão.... programática

Se os textos saussurianos originais em quase nada influenciaram o destino da lingüística no século XX, a descoberta dos manuscritos *De l'essence double du langage* e a publicação dos *Écrits de Linguistique Générale*²³ poderiam modificar este estado factual, evidenciando a necessidade de evitar todo amalgama entre o Pseudo-Saussure e o Saussure autêntico. Assim sendo, podemos esperar que os lingüistas do século XXI, quando se debruçarem sobre os *Écrits* e as *Leçons*, descobrirão – além das divergências essenciais assinaladas mais acima – os fundamentos de uma perspectiva epistemológica que faz falta aos estudos atuais. Eu me arrisco, para concluir, a traçar sumariamente algumas linhas gerais sobre isso.

1. Esta epistemologia postula uma ciência singular, dita lingüística ou ciência da linguagem, unificando – em termos de objeto empírico e método – uma lingüística da língua e uma lingüística da fala.²⁴

2. Esta ciência se sustenta numa definição transversal de seu objeto: este sobressai exclusivamente de uma *análise semiótica diferencial*, podendo e devendo se expressar na forma de uma álgebra de valores puramente negativos.

²² Nota do autor. Nisso, o programa epistemológico saussuriano anuncia o que deve ser entendido como um de seus maiores feitos: a análise sintática formal aplicada por Chomsky meio século depois.

²³ Nota do autor. A obra *Écrits de Linguistique Générale*, publicada em 2002, obteve uma recepção inusitada por parte dos textos do “segundo paradigma”: eles estão atualmente traduzidos em 14 línguas. As *Leçons de Linguistique Générale* estão para serem concluídas e serão publicadas em breve pelas Edições Gallimard, na Bibliothèque de Philosophie.

²⁴ Em outros termos, ela constitui uma alternativa a uma “lingüística da língua em si e para ela própria”, tanto quanto a uma pluralidade de “ciência da linguagem” desnuda de epistemologia generalizante.

3. No plano da lingüística da língua, esta definição transversal permite unificar a descrição dos objetos fonológicos, morfológicos e sintáticos²⁵.

4. Ela consegue, inclusive, conceber os objetos de uma lingüística da fala opondo-os integralmente como semióticos e diferenciais²⁶.

5. Postulando a lingüística da língua como inseparável da lingüística da fala, ela desenha a heurística de uma dupla lingüística na qual, formalmente, são os valores da língua que fazem aparecer os valores da fala e *vice versa*.

6. O objeto assim colocado – diferencial em cada parte e passível de uma escrita algébrica – permite à ciência lingüística almejar uma forma ao mesmo tempo empírica e “galileana”, satisfazendo critérios gerais de cientificidade: literalização, formalização, refutabilidade.

Uma epistemologia como tal parece poder ser aplicada *a posteriori* a práticas existentes, para clareá-las e justificá-las e, também inspirar *a priori* novas ou renovadas práticas, notadamente em lingüística de corpus. Podemos até sustentar que a ciência da linguagem, encontrando sob a base desta epistemologia uma unidade que, hoje ela tem dificuldades para manter – rearticulando notadamente uma redução “cognitiva” e a perspectiva de ciência da cultura –, poderia reivindicar, sem falso pudor, um papel que nunca deixou de ser seu há dois milênios sob as diversas formas contingentes da sua cientificidade: o de “farol” das ciências humanas.

Abstract: *In this article we initially discuss the reasons why the Course of General Linguistics, - CLG - published in 1916 and organized by Charles Bally and Albert Sechehaye from the notes of students of Ferdinand de Saussure, even disfiguring the essential points from Saussurian thinking, is formed in a work that founded the Linguistics and served as a model for other scientificity for the rest of the Human Sciences. In a second moment, we outline in what points the original Ferdinand Saussure's writing differentiate from the Course of General Linguistics - CLG.*

Keywords: *Linguistics; Course in General Linguistics, Writings of General Linguistics*

²⁵ Ela possibilita, no mais, incluir na lingüística da língua os objetos das lingüísticas “enunciativas”, remetidos a – e considerados segundo – sua natureza semiótica indexical.

²⁶ Esta extensão dos princípios saussurianos aos objetos específicos duma lingüística da fala oferece notadamente um quadro epistemológico novo a projetos como o de uma *hermenêutica material* (Schleiermacher) e o de uma *lingüística dos gêneros* (Schleiermacher, Bakhtin). Além disso, esta epistemologia vai ao encontro da filosofia da linguagem do “segundo” Wittgenstein que não teve nenhuma interação significativa, até o presente momento, com a lingüística.

